

Daniel Menezes Coelho¹
UFS

Eis presente o primeiro número de *Clínica & Cultura*. Trata-se de uma publicação acadêmica, em meio eletrônico e com periodicidade semestral, que tem por finalidade promover a investigação, o debate e a divulgação científica em torno das relações entre indivíduo e sociedade com base em uma abordagem clínica que, recorrendo a diferentes perspectivas teóricas, enfoque aspectos singulares do impacto sobre os sujeitos da sua inserção em determinado contexto sócio-histórico-cultural. Neste sentido, esta revista incentiva a submissão de artigos que tratem de temas atuais – tais como sexualidade, violência, consumo, relações de parentesco e identidade – com foco em suas dimensões psicopatológica, cognitiva, comportamental ou subjetiva, considerando tanto experiências individuais quanto processos grupais, bem como a discussão ética, teórica ou metodológica em torno das diferentes formas de psicoterapia com vistas à exploração de suas possibilidades no enfrentamento dos desafios da atualidade.

Este primeiro número é fruto de um trabalho de 6 meses, entre a concepção das linhas gerais da revista, do conselho editorial, de suas normas e de tudo mais necessário para a sua montagem, passando pelo recebimento e avaliação dos artigos recebidos, até a finalização dos textos, editoração e lançamento da revista. Este, então, é também um momento de comemoração do grupo que levou o trabalho a cabo.

Aliás, é preciso agradecer a Eduardo Leal Cunha, Elder Cerqueira e Diogo Seco, que junto com este editor, compõem o “núcleo duro” do grupo encarregado deste trabalho. Somos todos pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, que entraram lá mais ou menos contemporaneamente, e que participam de dois diferentes Grupos de Pesquisa CNPq: o editor e Eduardo Leal Cunha estão ligados ao Grupo *Clínica psicanalítica e cultura contemporânea*, enquanto Elder Cerqueira e Diogo Seco são vinculados ao Grupo *Desenvolvimento e Contextos Culturais*, de orientação teórica e metodológica bem diversas. Além da amizade, nos une a vontade de trabalho e a recusa de dogmatismos.

Tal diversidade há de se refletir na própria revista. Neste primeiro número, por exemplo, co-habitam a psicanálise, a análise comportamental, estudos de representações sociais, estudos sobre relações familiares, e ainda a filosofia da Escola de Frankfurt. É

¹ Professor Adjunto II na Universidade Federal de Sergipe; Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFS; Psicanalista. Editor da revista *Clínica & Cultura*. Lattes de [Daniel Coelho](#). E-mail: daniel7377@gmail.com

nossa intenção que essa diversidade seja promovida, para além então do interesse deste ou daquele pensamento, desta ou daquela escola, deste ou daquele pesquisador.

O campo da revista, portanto, não é circunscrito em respeito às teorias, mas a um espaço de discussão, a um problema central que amarra os diversos pontos de vista. Nosso título, “clínica e cultura” tenta estenografar esse problema, ou seja, o dos efeitos subjetivos (que tem na clínica *psi* um espaço preferencial, mas não exclusivo, de expressão e de entendimento) da imersão na cultura. Assim, os artigos aqui presentes não necessariamente são de clínicos, mas são de interesse do clínico, pois se debruçam sobre um problema que é essencial a ele. São de interesse também, claro, dos que se debruçam sobre o funcionamento da cultura.

O leitor notará que os trabalhos não apresentam nenhuma outra divisão além das propostas nas normas da revista (que prevê sessões de *estudos teóricos e ensaios*, *relatos de pesquisa* e *resenhas*). A ordem em que os textos aparecem é determinada apenas pelas datas de submissão. Agrupar os textos em temáticas nos pareceu uma ideia ruim, pois propor tal agrupamento implica necessariamente em uma escolha de leitura do editor, que certamente enviesaria aquela do leitor final. No entanto, é possível sugerir diversas linhas de discussão. Tentemos desenhar algumas, mais a título de convite à leitura que de esgotamento das possibilidades.

Seria possível desenhar um grande bloco, composto por diversas linhas de argumentação e raciocínio, que poderíamos dizer dedicado, como dissemos no começo, a *temas atuais*, como a *droga* (“O uso de droga no DSM: uma revisão histórica”, de Claudia Ciribelli), o *apetite* (“As relações familiares de crianças obesas”, de Mikaella Nunes e Normanda de Moraes, e “Os transtornos alimentares e a patologização da vontade” de Ana Luisa Oliveira e Eduardo Leal Cunha), o *preconceito* (“Processos de desumanização dos ciganos em Sergipe”, de Mayara dos Santos e Marcus Eugênio Lima) e a *auto-obrigação* (a resenha “Escrupulosos e obsessivos”, de Ticiania Banhos e Clara Pinheiro).

Neste bloco, encontramos linhas diversas. No tocante ao *apetite*, tema ao qual dois artigos são dedicados, os pontos de vista (teóricos, metodológicos e clínicos) são radicalmente diversos. Enquanto Nunes e Moraes apresentam um relato de pesquisa empírica que entende a obesidade infantil como patologia multidimensional, para apontar as relações familiares como decisiva nessa constelação, Oliveira e Cunha promovem uma revisão da literatura médica sobre os transtornos do *apetite* para apontar que, para além da leitura hegemônica que entende como etiologia destes transtornos a distorção da imagem corporal, há um forte vínculo entre a concepção destes transtornos e as temáticas da drogadicção e das compulsões, que compartilham como fundo comum o problema do controle sobre a vontade.

Desta linha então podemos puxar mais duas pontas. Ciribelli apresenta um estudo crítico sobre o problema do uso de drogas no DSM, demonstrando a imensa expansão, sobretudo na 4ª e na 5ª edição (a ser lançada em maio de 2013), do espaço dedicado à questão neste manual, enquanto a resenha de Banhos e Pinheiro aponta, na apresentação do livro de Castel, o debate sobre o controle da vontade no tocante ao entendimento das obsessões (transtornos obsessivos-compulsivos, neurose obsessiva). Ambos tomam o DSM como alvo de crítica, seja apontando para a dimensão do desejo,

excluída radicalmente deste manual (como apontam também Oliveira e Cunha), seja questionando a naturalização do sofrimento tal qual promovida sobretudo pelas suas últimas versões.

Outro grande bloco é o dos *estudos teóricos*, no qual se poderia incluir “Construção e história na clínica freudiana e na filosofia de Walter Benjamin”, de Ricardo Salztrager, “Seria a psicanálise uma destruidora de ilusões?”, de Ramon Souza, “Por uma metodologia psicanalítica para o estudo da obra musical”, de José Ribamar Carneiro, e “Metacontingências e a análise comportamental de práticas culturais”, de João Claudio Todorov. Aqui, também, encontraríamos diversos pontos nos quais os artigos se encontram e conversam entre si.

Na *intersecção entre a psicanálise e a cultura*, se situam os artigos de Salztrager, que propõe aproximar as concepções de Freud e Benjamin a respeito da história; de Carneiro, que aproxima Adorno e Lacan para promover um exame da forma como a psicanálise encara a produção artística, em especial a música; e de Souza, que analisa a noção de ilusão em Freud, destacando desta sua vertente positiva (na arte, no humor e na brincadeira). Destaquemos também, nesse bloco, a *aproximação entre a teoria psicanalítica e a filosofia da Escola de Frankfurt* nos artigos de Salztrager e Carneiro, aproximação esta promovida por diversos autores tanto da psicanálise quanto da filosofia.

Que o leitor se sinta livre (e convidado), entre as linhas e blocos apontados, para fazer outros arranjos, encontrar outras transversais entre os textos que ora são apresentados. Que tais arranjos promovam o pensamento e o estudo, e reverberem aqui ou em outros meios.

Restam ainda alguns agradecimentos e créditos complementares. Leonardo Pinto de Almeida (editor de *LER – leitura em revista* e de *ECOS – estudos contemporâneos da subjetividade*) e Marcelo Santana Ferreira (editor de *Fractal*) deram importantes dicas e foram sempre fonte de ânimo durante o trabalho, e por isso agradeço profundamente a eles. Rafael Escócio é o responsável pela provocante foto da capa, que dispensa comentários além do convite a apreciá-la e sobre ela pensar. Eduardo Leal Cunha é o responsável por todo o belo trabalho gráfico.

Editor de primeira viagem, confesso ter sido titubeando que, assim como no decorrer de todo o processo, escolhi as palavras para este primeiro editorial. Certa timidez, certo receio, certo travamento no fluir das ideias, das palavras. Ora, aqui, há vozes, que o editor sustenta e faz ecoar. Para isso, há que ter alguma responsabilidade – daí o titubeio: pois que se trata da voz *dos autores*, e é preciso fidelidade a ela. É preciso ainda *exigir* desta voz: que seja clara em sua entonação, que conheça as regras acadêmicas às quais deve se sujeitar, que as respeite (mas não muito); que tenha o que dizer; que o diga efetivamente. Eis, talvez, o que posso crer que seja o *métier* que assumo agora.

A todos, uma boa leitura.

Daniel Menezes Coelho
Editor de *Clínica & Cultura*

